

«GERAR RASTO NA HISTÓRIA DO MUNDO»

## 7. O carisma

por Luigi Giussani\*

As dificuldades e os medos caracterizaram este mês, não só para quem é ainda obrigado ao ensino à distância, mas também para quem pôde regressar à escola. A “normalidade” é já uma vaga recordação. Para viver estas dificuldades que subjugam o caráter, a psicologia, a afetividade e a cabeça de toda a gente, revelam-se insuficientes os muitos bons conselhos, os muitos imperativos morais, as muitas verdades abstratas que continuamos a ouvir repetidamente e que continuamos a repetir-nos para nos autoconvencermos, mas com escassos resultados.

São necessários um temperamento, uma mentalidade, uma psicologia e uma afetividade especiais, que nos convençam no nosso íntimo, estabelecendo uma afinidade, uma comunhão e uma prontidão que nos permitam enfrentar as dificuldades de todos os dias tornando mais familiar e premente a nossa relação com Cristo. É isto o carisma: a forma através da qual Deus escolheu alcançar-nos, para nos dizer que Ele existe e quer estar connosco. Como é que nos aconteceu experimentar isto neste período em que somos obrigados a ir ao fundo das coisas?

Para nos ajudar, propomos prosseguir com o trabalho sobre o segundo capítulo, ponto 9, até ao final do mês de fevereiro. A modalidade persuasiva com que o Espírito Santo intervém na história: o carisma (pp. 116-125), do livro de L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019.

*Relembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos para o site:*  
<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>  
na secção «Scuola di Comunità».

### 9. A MODALIDADE PERSUASIVA COM QUE O ESPÍRITO SANTO INTERVÉM NA HISTÓRIA: O CARISMA

É o dom do Espírito Santo que fixa e determina para cada um de nós na Igreja a concretização de uma morada, de uma companhia humana para tornar o caminho para o Destino mais persuasivo.<sup>144</sup> Este dom da caridade de Deus torna possível a fé, a consciência da presença daquilo que teve início como Facto na história há dois mil anos.

O Acontecimento, com efeito, acontece hoje de acordo com uma determinada forma de »

<sup>144</sup> Cf. Luigi Giussani, *Comunione e Liberazione: un metodo esemplificativo di educazione ed una antropologia cristiana*, em *Alla ricerca del volto umano. Contributo ad una antropologia*, Jaca Book, Milão 1984, pp. 87-103.

\* Do libro L. Giussani - S. Alberto - J. Prades  
*Gerar rasto na história do mundo*,  
Paulus, Lisboa 2019, pp. 116-125.

» tempo e de espaço, que torna possível uma determinada maneira de enfrentá-lo e o torna mais compreensível, mais persuasivo e mais pedagógico. Esta característica da intervenção do Espírito de Cristo, que provoca existencialmente um Acontecimento no tempo e no espaço, chama-se «carisma». Para que a Igreja, constituída por todos os homens que Cristo agarrou e incorporou em Si no Batismo, seja uma realidade operacionalmente eficaz no mundo, é necessário que os homens se tornem conscientes daquilo que aconteceu, do encontro que Cristo fez com eles, e se tornem operativos com base nesta consciência.

O cardeal Ratzinger observou que «a fé é uma obediência de coração à forma de ensinamento à qual fomos confiados».<sup>145</sup> O Espírito de Deus pode realizar, na sua infinita imaginação, nas suas infinitas liberdade e mobilidade, mil carismas, mil maneiras de se participar-se, em Cristo, ao homem.<sup>146</sup> O carisma representa precisamente a modalidade de tempo, de espaço, de carácter, de temperamento, a modalidade psicológica, afetiva e intelectual com a qual o Senhor se torna acontecimento para mim e, da mesma forma, também para os outros. Esta modalidade é comunicada por mim a outros, de modo que existe entre mim e *estes* uma afinidade que não existe com todos os outros, um vínculo de fraternidade mais forte, mais específico. É assim que Cristo permanece presente conosco todos os dias até ao fim do mundo,<sup>147</sup> nas circunstâncias históricas que o mistério do Pai estabelece e através das quais nos faz reconhecer e amar a Sua presença.<sup>148</sup>

O fenómeno dos Movimentos na Igreja, de todos os Movimentos na Igreja, é - como observa João Paulo II - a autoconsciência que emerge no âmbito da própria Igreja.<sup>149</sup> De facto, tal como a humanidade vive em todas as casas que o amor anima e embeleza, que o sopro desse amor aquece todos os dias, também a Igreja se torna casa viva, calorosa, cheia de luz e de palavra, de afeto, de explicação, de resposta, nos Movimentos. Estes são as unidades de companhia criadas pelos carismas, por estes dons dados pelo Espírito a quem Ele escolhe, não pelo valor das pessoas, mas para que se cumpra o Seu desígnio, o grande desígnio que o Pai tem sobre o mundo, aquele desígnio que tem um nome histórico: Jesus Cristo.

O Espírito do Senhor escolhe os temperamentos que têm características mais vivas de empenho, de comoção e de comunicação aos outros da sua própria experiência. O carisma, portanto, torna viva a Igreja e existe em função da totalidade da vida eclesial. Pela sua natureza, qualquer carisma, em virtude da sua identidade específica, está aberto ao reconhecimento de todos os outros carismas. Cada uma das modalidades históricas com as quais o Espírito nos coloca em relação com o Acontecimento de Cristo é sempre um «aspecto particular», uma modalidade particular de tempo e de espaço, de temperamento, de carácter. Mas é um aspecto particular que permite a totalidade. O carisma existe em função da criação de um povo realizado, isto é, totalizante e católico. Como veremos mais à frente, totalizante e católico são os limites últimos da ideia de povo.

Para utilizar uma imagem, poderíamos dizer que o carisma é como uma janela através da qual vemos todo o espaço. A prova de um verdadeiro carisma é que se abre para tudo, não se fecha. Portanto, estaria errado quem dissesse: «estamos aqui para construir o nosso Movimento, não a Igreja». Em vez disso, é necessário dizer: «estamos aqui para construir a Igreja de acordo com o impulso que o Espírito nos deu e a que chamamos Movimento, na »

<sup>145</sup> Ratzinger, *Dall'intervento di presentazione del Catechismo della Chiesa Cattolica*, em «L'Osservatore Romano», 20 de janeiro de 1993, p. 5.

<sup>146</sup> Cf. Jo 3,8.

<sup>147</sup> Cf. Mt 28,20.

<sup>148</sup> Cf. L. Giussani, *É possível viver assim?*, Vol III, *Caridade*, op. cit., pp. 24-27.

<sup>149</sup> Cf. João Paulo II, *Siate i maestri della cultura cristiana*, aos sacerdotes de Comunhão e Libertação, 12 de setembro de 1985, em «La Traccia», fasc. VIII, pp. 1082-1084. Cf. Também João Paulo II, *L'importanza dei carismi nella Chiesa*. Encontro dos movimentos eclesiais e as novas comunidades, 30 de maio de 1998, em «La Traccia», fasc. V, pp. 509-512.

» obediência, ou seja, ouvindo e aderindo à obra do Espírito de Cristo, que a autoridade da Igreja faz sua».

A questão do carisma é decisiva porque é o factor que existencialmente possibilita a pertença a Cristo, isto é, a evidência do Acontecimento presente hoje, porque nos move. Neste sentido, o carisma introduz à totalidade do dogma. Se o carisma é a forma com que o Espírito de Cristo nos faz entender a sua Presença excepcional, nos dá o poder de aderir a esta com simplicidade e amorosidade, é vivendo o carisma que se ilumina o conteúdo objetivo do dogma. Os dogmas não se aprendem e, sobretudo, não incidem existencialmente na vida, se forem apenas estudados de forma abstrata. Os dogmas aprendem-se e vivem-se no encontro e no seguimento da vida da Igreja, de acordo com a tonalidade educativamente persuasiva e existencialmente fascinante do carisma. O carisma é, portanto, a forma com que o Espírito possibilita e torna mais consciente e frutuosa a percepção do dogma, a percepção do conteúdo total do Acontecimento.

Na Igreja, nascida do Espírito de Cristo morto e ressuscitado, ontologicamente tudo é carisma. O primeiro carisma é a Instituição, porque é o instrumento da presença do Espírito de Cristo que age e se comunica no Magistério e nos Sacramentos. Mas para que o Magistério e os Sacramentos não sejam entendidos como partes isoladas da unidade e da totalidade da experiência cristã, reduzida a uma medida individualista do indivíduo, devem ser vividos segundo a lógica e a dinâmica da comunhão, que é a própria natureza da Igreja. Então, estes carismas substanciais, institucionais, são entendidos como tais através da existência do carisma particular, dado pelo Espírito em função da totalidade da experiência eclesial.

Esta dinâmica é, além disso, também a resposta a uma tentação particularmente difundida na Igreja de hoje, segundo a qual o envolvimento do povo de Deus, e em particular dos leigos, na missão da Igreja é visto como uma participação democraticamente entendida como um «poder» concebido de forma redutora de acordo com as categorias mundanas.

A questão da relação entre carisma e instituição surge então como decisiva; mostra que os dois termos não são estranhos um ao outro.<sup>150</sup> Todos os carismas regeneram a Igreja em todos os lugares, obedecendo em última instância àquilo que é a garantia do próprio carisma: Graça, Sacramento, Magistério. Se o carisma particular é o terminal através do qual o Espírito de Cristo é transmitido e se torna possível hoje o reconhecimento do Seu Acontecimento, o carisma da instituição é tal porque é o âmbito de vida deste terminal. Negar a novidade do carisma particular significa sufocar a vitalidade da instituição. Por outro lado, a razão de ser do carisma particular justifica-se apenas em relação à totalidade. João Paulo II exprime a natureza da relação entre carisma e instituição em termos de co-essencialidade: «Na Igreja, tanto o aspeto institucional como o aspeto carismático são [...] co-essenciais e contribuem para a vida, para a renovação, para a santificação, embora de uma maneira diferente e tal que haja uma troca, uma comunhão recíproca».<sup>151</sup>

### *Um carisma em ação: a responsabilidade de cada um*

Um exemplo comovente desta paternidade da Instituição, que se refere à história do movimento de Comunhão e Libertação, é a figura de Paulo VI. A primeira vez que me chamou, era ainda Arcebispo de Milão, foi para me fazer algumas observações. Naquela ocasião, disse-me: «Eu não percebo bem as suas ideias e os seus métodos, mas vejo os frutos e di- »

<sup>150</sup> Cf. João Paulo II, *Siate i maestri...*, op. cit., p. 1093.

<sup>151</sup> Cf. João Paulo II, *Diffondere la gioia dell'incontro con Cristo*, ai membri del Pontificio Consiglio per i Laici, Rocca di Papa, 14 de maio de 1992, in «La Traccia», fasc. V, pp. 591-593; cf. Anche João Paulo II, *L'importanza dei carismi nella Chiesa*, op. cit.

» go-lhe: continue assim». Anos depois, em 1975, quando fomos dezassete mil a Roma, ele chamou-me à porta de São Pedro, no final da Missa, e a primeira frase foi: «Don Giussani, este é o caminho: continue assim». Tal e qual como da primeira vez.<sup>152</sup>

Nós precisamos de crescer, de amadurecer e de agir no mundo de acordo com a especial «forma de ensinamento» com que o Senhor quis encontrar-nos. Devemos recordar-nos sempre dos dois pólos da relação que, no acontecimento criado por Deus, se realiza entre nós e Ele. Por um lado, faz-nos entrar no grande povo do Corpo misterioso da Igreja, herdeiro do seu povo eleito; por outro, toca-nos segundo uma determinada originalidade assumida pelo Espírito, segundo uma determinada forma, segundo um determinado carisma. Vivemos tanto melhor todo o povo da Igreja, quanto mais fiéis formos ao nosso carisma, por assim dizer, à nossa personalidade investida pelo Espírito, à fisionomia pessoal que Deus nos deu na medida em que se esgota no Seu desígnio eterno. Subtrairmo-nos à «forma de ensinamento à qual fomos confiados» é o primeiro passo para o cansaço, o tédio, a confusão, a distração e até o desespero.

Mas nesta grande companhia em que Deus nos colocou com o seu acontecimento, não estão os melhores de entre os homens. «Não somos melhores que os nossos pais», dizia uma canção do padre Cocagnac.<sup>153</sup> Mesmo que Deus saiba como tirar filhos de Abraão das pedras,<sup>154</sup> não são os melhores entre os homens que participam nesta companhia; precisamente por isso, o que continua a ser evidente é o milagre da comunicação do Senhor que aconteceu na nossa vida. Nós não somos melhores do que os outros. É o que nos lembra bem São Paulo na *Primeira Epístola aos Coríntios*: «Considerai, pois, irmãos, a vossa vocação: não há entre vós muitos sábios, segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas o que é louco segundo o mundo é o que Deus escolheu para confundir os sábios; o que é fraco, segundo o mundo, é o que Deus escolheu para confundir o que é forte. O que é vil e desprezível no mundo, é o que Deus escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são. Assim, ninguém se vangloriará diante de Deus. E é por Ele que estais em Jesus Cristo, o Qual, para nós, foi feito por Deus sabedoria, justiça, santificação e redenção; afim de que, como está escrito, “quem se gloria, se glorie no Senhor”». <sup>155</sup> Fracos e desprezíveis, é assim que nós somos. Mas podemos gloriar-nos no Senhor, não por mérito nosso, mas Seu. É por isso que estamos bem atentos ao que diz São Tiago: «Falai e procedei como pessoas que devem ser julgadas segundo a lei da liberdade. Porque será julgado sem misericórdia aquele que não for misericordioso. A misericórdia triunfa sobre o juízo». <sup>156</sup>

A essência do carisma da Comunhão e Libertação pode ser resumida no anúncio, cheio de entusiasmo e admiração, de que Deus se tornou homem e que este Homem está presente num «sinal» de concórdia, de comunhão, de comunidade, de unidade de povo: só no Deus feito homem, só na Sua presença e, portanto, só através - de alguma maneira - da forma da Sua presença, é que o homem pode ser homem e a humanidade pode ser humana. É aqui que se encontra a fonte da moralidade e da missão.

Cada um tem responsabilidade pelo carisma encontrado. Cada um é causa de declínio ou de crescimento do carisma, é terreno em que o carisma se desperdiça ou dá frutos. A tomada de consciência da responsabilidade por todos é muito séria enquanto urgência, enquanto lealdade e fidelidade. Obscurecer ou diminuir esta responsabilidade significa obscurecer e diminuir uma intensidade de incidência que a história do nosso carisma tem sobre a Igreja de Deus e sobre a sociedade. »

<sup>152</sup> Cf. L. Giussani, *Il potere del «laico», cioè del cristiano*, em *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Edit - Il Sabato, Roma 1993, p. 53.

<sup>153</sup> A. M. Cocagnac, *Chant de pénitence*, em *Cancioneiro*, p. 414.

<sup>154</sup> Cf. Mt 3, 9.

<sup>155</sup> 1 Cor 1, 26-31.

<sup>156</sup> Tgo 2, 12-13.

» Há uma identificação pessoal, uma versão pessoal que cada um dá ao carisma ao qual foi chamado e ao qual pertence. Inevitavelmente, de facto, quanto mais uma pessoa se torna responsável, tanto mais o carisma passa através do seu temperamento, através daquela vocação irreduzível a qualquer outra que é a sua pessoa. A pessoa de cada um de nós tem a sua especificidade: a sua mentalidade, o seu temperamento, as circunstâncias que vive e, acima de tudo, o movimento da liberdade.

Portanto, o carisma assume uma flexão variada e aproximativa na medida da generosidade de cada um. A aproximação é medida pela generosidade, onde se baseiam a capacidade, o temperamento, o gosto etc. (uma pessoa pode fazer aquilo que quiser do carisma e da sua história: reduzi-lo, dividi-lo, acentuar aspetos dele em detrimento de outros, dobrá-lo ao próprio gosto ou interesse, até mesmo abandoná-lo por negligência, por teimosia, por superficialidade).

O carisma conjuga-se segundo a generosidade de cada um. Esta é a lei da generosidade: dar a vida pela obra de Outro. Cada um, em cada ato seu, em cada dia seu, em cada imaginação sua, em cada propósito seu, em cada ação sua, deve ter a preocupação de comparar os seus critérios com a imagem do carisma tal como este surgiu nas origens da história comum. A comparação com o carisma, tal como nos foi dado, tende a corrigir a singularidade da versão, da tradução, é correção e provocação contínuas. Esta comparação é, portanto, a maior preocupação que, metodológica, moral e pedagogicamente se deve ter.<sup>157</sup> Caso contrário, o carisma torna-se pretexto e ponto de partida para o que nós quisermos, cobre e avaliza o que nós queremos. Para limitar esta tentação, que é a de todos nós, devemos fazer da comparação com o carisma como correção e como ideal continuamente ressuscitado um comportamento normal. Esta comparação deve tornar-se um hábito, *habitus*, virtude. Esta é a nossa virtude: a comparação com o carisma na sua originalidade através do efêmero de que Deus se serve. Regressa aqui a importância do efêmero. Por agora, a comparação última é com a pessoa com quem tudo começou. Esta pode ser dissolvida, mas os textos deixados e o seguimento ininterrupto - se Deus quiser - das pessoas indicadas como ponto de referência, como verdadeira interpretação do que aconteceu, tornam-se o instrumento de correção e de ressuscitação; tornam-se o instrumento para a moralidade. A linha de referências indicada é a coisa mais viva do presente, porque um texto sozinho também pode ser mal interpretado; é difícil interpretá-lo mal, mas isso pode acontecer.

Dar a vida através pela obra de Outro implica sempre um nexos entre as palavras «Outro» e algo de histórico, concreto, tangível, sensível, descritível, fotografável, com nome e apelido. Sem este factor histórico, impõe-se o nosso orgulho, este sim efêmero, mas no pior sentido do termo.

Dar a vida pela obra de Outro, de forma não abstrata, é dizer uma coisa que tem uma referência histórica, concreta: para nós significa que tudo aquilo que fazemos, toda a nossa vida, é para o crescimento do carisma em que nos foi dado participar, que tem a sua própria cronologia, a sua própria fisionomia descritível, indica nomes e apelidos e, na origem, um nome e um apelido. Se dar a vida pela obra de Outro não indicar uma referência concreta, desvanece-se a sua historicidade, deprime-se o seu aspeto concreto: já não se dá a vida pela obra de Outro, mas pela nossa própria interpretação, pelos nossos próprios gostos, pelo nosso próprio interesse ou pelo nosso próprio ponto de vista.

Falar de um carisma sem historicidade não é falar de um carisma católico.

<sup>157</sup> Cf. L. Giussani, *É possível viver assim? Vol III, Caridade*, op. cit., pp. 24-27.